Variedades

Jornal A Plateia,
Sant'Ana do Livramento,
10 e 11 de maio de 2025

estudio asaphoto

feliz dia das mães

Para Ela, Por Ela, Com Ela

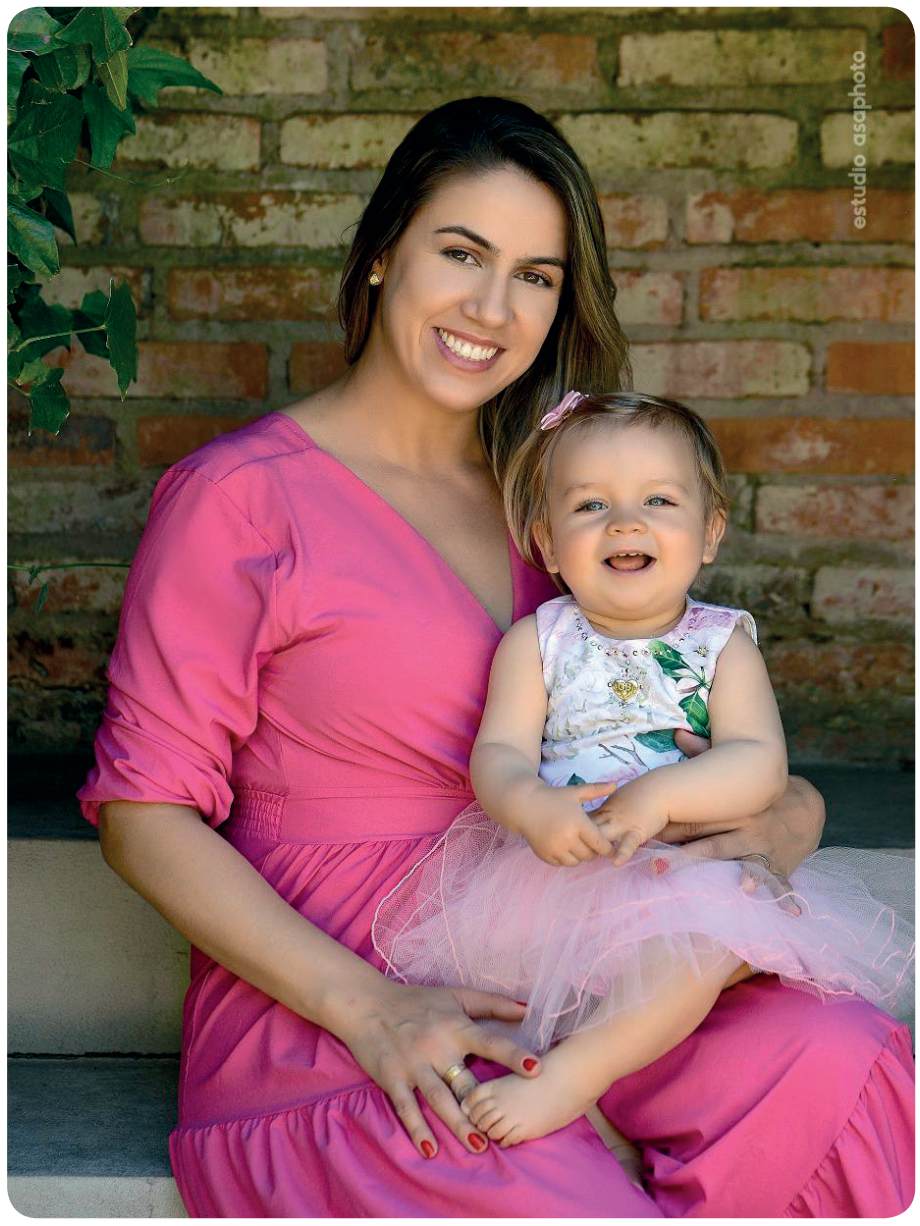
Conheça a história da mamãe Raisi Lenz

Olá! Sou Raisi Lenz, mãe da Camila, uma fofurinha de 3 anos e 6 meses que tem um talento nato para me acordar antes do despertador. Acordo bem cedo, muitas vezes antes do que gostaria, pois ela vem para nossa cama pedir o "mamá". Às vezes, sou acordada com beijos, outras com choros, ou até mesmo com cutucões,sua forma de me chamar à realidade. Levanto e preparo nosso café da manhã, um momento pelo qual me sinto privilegiada, por ter tempo para desfrutar ao lado da minha filha.

Durante o café, o celular já começa a tocar, indicando a chegada dos e-mails de trabalho. É aí que começo a me dividir entre cuidar da Camila, da casa e não deixar nenhuma mensagem importante sem resposta. Assim começa o meu dia!

Minha vida mudou completamente com a chegada da Camila. Tenho hora para acordar, mas nunca sei quando vou conseguir dormir. Aproveito a noite, depois de realizar a rotina do sono dela, para retomar as tarefas pendentes do trabalho que não consegui concluir durante o dia. Nem sempre consigo! Confesso que, às vezes, adormeço por volta das 20h, enquanto tento fazê-la dormir. Já aconteceu de eu dormir antes dela, vencida pelo cansaço. Talvez ela até tenha me feito dormir algumas vezes.

Por sorte, Camila conta com um pai presente, que divide comigo os cuidados. O papai prepara desde o banho até a jantinha que ela adora. E, mesmo que ela insista em dormir com a mamãe, sempre que necessário, ele assume a rotina do sono.



Raisi e a pequena Camila

Camila acompanhando a mãe em um evento do trabalho

Nossa rede de apoio é paga. Contamos com uma creche com professoras maravilhosas e horário flexível. Sempre que a vovó pode, vem dar uma mão por aqui também. Porém, Santa Maria é longe e isso acaba sendo um obstáculo para que ela esteja mais presente.

Inúmeras vezes levamos a Camila junto para que eu pudesse participar de eventos de trabalho, congressos e palestras. Perdi as contas de quantas vezes pensei em pedir redução de carga horária ou até mesmo trancar a faculdade de Engenharia, que curso em outra cidade e que exige horas de viagem e dedicação aos estudos.

A cada vez que penso que não vou conseguir mais, chegam as férias. Recarrego as energias, curto minha filha, e sigo em frente. Afinal, minha grande motivação é ela. Hoje, talvez não faça diferença para a Camila se a mãe tem mais um título de graduação. Mas, lá na frente, pode ser uma inspiração. Quando ela estiver desanimada ou confusa sobre sua trajetória profissional, poderá lembrar-se de todo o esforço que fiz para concluir um sonho — e que ela fez parte disso. Afinal, me acompanha em todas as viagens e tem sido minha grande parceira.

Talvez essa seja a mensagem que quero deixar para ela: todo esforço vale a pena. Nem sempre o caminho será fácil — e, muitas vezes, não é mesmo. Tenho um contrato de trabalho de 60 horas, curso Engenharia, atuo em projetos de pesquisa, sou docente em várias disciplinas, montei laboratórios... e, além disso, sou esposa, cuido da casa. Então, nem sempre as roupas da Camila estão como eu gostaria, nem os cabelos, nem os sapatos — e muito menos consigo mandar o melhor lanche para a escola. Mas faço tudo que posso. E, sempre que possível, cuido de mim também. Sei que, se estou bem, posso ser ainda melhor para ela.

Talvez o Dia das Mães seja sobre isso: refletir sobre estar bem consigo mesma para cuidar melhor do outro. Correr atrás dos próprios sonhos para não se sentir frustrada. Sentir-se bem e feliz para transmitir isso aos filhos.

Feliz Dia das Mães!

Texto escrito por: Raisi Lenz

Nossa capa

Para ilustrar a nossa capa, a mamãe Raisi Lenz com a filha Camila. Foto: Asaphoto

Nesta edição especial, o Caderno Variedades homenageia as mães que transformam amor em força e desafios em aprendizado. São histórias reais de maternidade em suas diversas formas, solo, atípica, adotiva ou biológica. Unidas por um sentimento comum: o amor incondicional.
Que cada relato inspire empatia e nos lembre da coragem diária dessas mulheres que seguem, mesmo nos dias mais difíceis, sendo porto seguro.

EDITORIA E REPORTAGEM

Laura Leite

@lauraamelloo

(55) 99911-8861

Meu filho Felipe me ensinou que o silêncio também fala

No Dia das Mães, Dieni Tavares compartilha a emocionante trajetória ao lado do filho autista

Com um ano e meio, Felipe começou a silenciar. As palavras que antes saíam naturalmente — "mamãe", "papai", os sons dos animais — foram desaparecendo, e com elas veio a angústia dos pais. Foi o início de uma caminhada longa, marcada por dúvidas, julgamentos e muita busca por respostas. "Disseram que era por causa da pandemia, que menino é mais preguiçoso, que uma hora ele voltaria a falar", relembra. Mas no coração dela algo dizia que havia mais. E havia: em 2022 veio o diagnóstico de autismo, após oito meses de investigação.

"Minha reação foi um misto de medo e alívio, porque eu finalmente sabia o que estava acontecendo. Não foi uma surpresa total, eu já pesquisava sobre o assunto, e algumas pessoas próximas já tinham comentado. No fundo, eu sentia. Mãe sente. Mas é difícil não ter medo."

Desafios e silêncios

Para Dieni, o maior desafio ainda é a ausência da fala. "Não saber o que ele sente quando está doente, o silêncio no carro na volta da escola, sem saber como foi o dia... isso dói."

Mas entre tantos silêncios, também vieram as conquistas. Uma das mais marcantes aconteceu em 20 de setembro de 2023, quando viu o filho enfrentando o mundo com coragem e leveza. "Ele mostrou para todos que o autismo não é sentença, que não significa derrota. Ele pode tudo."

E uma vitória ainda mais especial veio neste ano: Felipe começou a falar novamente. E entre as palavras novas, veio aquela que emocionou profundamente: "mãe".

"Esse Dia das Mães é ainda mais especial porque ouvi meu primeiro 'MÃE'. Foi uma emoção enorme. Uma daquelas que ficam marcadas para sempre."

Rede de apoio e fé

O suporte vem do marido, presente em todos os momentos. Mas foi com a educadora especial Márcia Maciel que a família encontrou o acolhimento que precisava logo após o diagnóstico.

Hoje, Felipe estuda no Colégio Santa Teresa e conta com o suporte da escola e das terapias, fundamentais para seu desenvolvimento.

Mesmo assim, o preconceito ainda existe — e às vezes vem de onde mais machuca. "Já enfrentamos olhares e julgamentos, sim. Dói ainda mais quando vem da família. Mas sei que, na maioria das vezes, é falta de informação. Sempre que posso, tento explicar sobre o autismo."

O amor de mãe é a primeira forma de amor que conhecemos

Dieni com o pequeno Felipe

"Ele é o amor da minha vida"

A cada dia, Dieni aprende com o filho. Com a força dele, a alegria, o carinho e a dedicação com que enfrenta as terapias, mesmo cansado. "Com ele, aprendi a acreditar em Deus. É quem tem me sustentado. Pela graça de Deus, vejo meu filho evoluindo e tenho certeza de que seu futuro será brilhante."

A mensagem de uma mãe

Para outras mães que vivem a mesma jornada, ela deixa um recado cheio de amor, fé e coragem:

"Acreditem nos seus filhos. Não os limitem. Se der vontade de chorar, chore. Mas depois, arregace as mangas e vá à luta. O autismo não é sentença. Eles podem tudo.

Meu pequeno ainda está começando a falar, mas já faz bolo, pudim, biscoito... Ele ama cozinhar! Encontre algo que seu filho goste e incentive. Não se cobrem se as coisas não derem certo no começo. Não desistam. Para Deus, não existe nada impossível. Vai dar tudo certo."

Expediente

Projeto Gráfico: Hanelle Abot/ Samuel Palmeira | Gerente Comercial: Márcia do Amaral Paiva | Diagramação: Maik Acosta
Revisão Ortográfica: Jurema Luz | Artes Publicitárias: Samuel Palmeira

Ser mãe é a missão mais bonita da minha vida

Conheça a história de amor da mãe Viviane

Ser mãe, para mim, é a minha maior realização. É o que me faz mais feliz. Sinto que a maternidade me torna completa. Não passei por dificuldades para engravidar — pelo contrário, foi algo muito natural, pois esse desejo sempre foi muito latente em mim. Desde a infância, ser mãe era uma certeza.

Minhas duas gestações foram muito desejadas. Mas, na primeira, já tivemos um grande susto: um parto prematuro, na 28ª semana. A partir dali, vieram 38 dias de tensão e inúmeras visitas ao hospital. O pior momento foi receber alta e sair do hospital sem o meu filho nos braços. Deixá-lo lá foi uma das piores sensações que já vivi.

Renata, Léo e a mamãe Viviane

Quando o Léo finalmente recebeu alta, foi libertador. A partir daquele momento, ele passou a receber nossos cuidados, e eu pude ser mãe em tempo integral. Recuperei o tempo perdido, errei, acertei, aprendi muito e coloquei para fora toda aquela vontade de maternar que sempre carreguei comigo.

Quando o Leonardo tinha um ano e meio, começamos a investigar o motivo de um atraso motor em seu desenvolvimento. Algum tempo depois, recebemos o diagnóstico: paralisia cerebral. Desde então, iniciamos inúmeros tratamentos para garantir mais qualidade de vida para ele. O Léo é cadeirante, mas isso nunca nos impediu de fazê-lo participar de todos os momentos em família — passeios, viagens, tudo. Ele está sempre com a gente.

Os desafios diários são muitos, mas são superáveis. Sou movida por amor e fé. Tenho certeza de que eu, como mãe, e meu marido, como pai, fomos escolhidos não para carregar um fardo como muita gente costuma dizer, mas sim para cumprir uma missão. Acreditamos que somos fortalecidos e capacitados diariamente por Deus.

Um momento que guardo com muito carinho foi o nascimento do nosso segundo filho, a Renata. Mesmo após uma experiência difícil e cheia de incertezas na primeira gestação, o parto dela foi tranquilo e também normal. Outro marco emocionante foi o primeiro aniversário dos dois, cheio de significado para a nossa família.

Tenho o privilégio de contar com o companheirismo do meu esposo, que foge da curva quando o assunto é cuidado. Ele é um pai excelente, divide comigo 100% das tarefas e dos desafios do dia a dia. Nunca tivemos babá, sempre fomos nós dois nos revezando nos cuidados com as crianças. Sim, há dias muito cansativos, mas basta uma boa noite de sono para recarregar as energias.

Ver os dois crescendo juntos é gratificante. Às vezes, paro e observo a cumplicidade entre eles: nos sorrisos, nos abraços, nos beijos... e fico ali, babando, testemunhando esse amor de irmãos. O Léo é extremamente carinhoso. Todos os dias, ouvimos inúmeros "eu te amo" para mim, para o pai, para a irmã. E isso enche nosso coração.

Gostaria que a sociedade olhasse com mais atenção e carinho para as crianças atípicas — e também para as mães atípicas. A maioria não tem apoio dos parceiros e cria os filhos sozinha, tentando dar conta de tudo, muitas vezes além do possível. Mas é importante lembrar: quem cuida também precisa ser cuidado.

Minha mensagem para as mães atípicas é: não se culpem por não dar conta de tudo. Somos de carne e osso, não super-heroínas (apesar de parecer que somos, né? rs). E, por mais difícil que pareça, nunca estamos sozinhas. Existe um Deus que nos cuida. Qualquer que seja sua fé ou religião, se apegue a ela. Quem tem fé, vence tudo.

Por fim, não posso deixar de desejar um Feliz Dia das Mães à minha mãe, Enoir, a quem sou imensamente grata por tudo o que fez e faz por mim, por estar sempre por perto quando eu mais preciso. Saúde, mãe! Te amo muito!

Léo e Renata, obrigada por me fazerem tão realizada. Vocês são a minha vida. Amo vocês!

arte do controle
assessoria esportiva
(55) 984189484
@artedocontroleoficial

O legado de Ruth: mãe transforma paixão pela corrida em herança para as filhas

Com amor, disciplina e inspiração, Ruth compartilhou seu hobby com as três filhas – Siham, Sameher e Suzen – e hoje vê a corrida unindo gerações dentro da família.

Para Ruth, a corrida vai muito além de um hobby: ela é ferramenta de saúde, conexão familiar e superação. Mãe de três filhas – Siham, Sameher e Suzen – ela fez da paixão pelo esporte um verdadeiro legado. Desde a infância, Ruth incentivou a prática de atividades físicas com as meninas, e foi com elas que começou a correr, quilômetro a quilômetro, até completar a primeira meia maratona em família.

"A Siham começou me acompanhando nos treinos. Depois a Sameher, na adolescência, não queria muito, mas foi junto. Em 2016 corri minha primeira meia maratona no Rio de Janeiro e voltei tão encantada que desafiei as meninas: 'vocês só vão correr no Rio se treinarem 21 km'. Elas toparam", lembra Ruth, orgulhosa.

O resultado foi uma viagem memorável em 2017, com a participação das três na meia maratona carioca – cada uma vencendo seus próprios limites. "Até minha irmã Mónica Díaz foi junto, e minha filha menor, Suzen, correu 5 km com o pai", conta.

A dedicação de Ruth e das filhas foi tão grande que Sameher levou a corrida além: tornou-se atleta de alto rendimento, conquistando o 13º lugar no ranking brasileiro de atletismo e até recordes sul-americanos em provas no Uruguai. "Ela conheceu atletas quenianos e mergulhou de vez nas competições. Estava treinando para as Olimpíadas quando, infelizmente, sofreu uma grave lesão no joelho que a tirou das pistas competitivas."

Mesmo com a cirurgia delicada e o nascimento do primeiro filho Rafik, Sameher não deixou a corrida de lado. Está voltando aos treinos e já se prepara para participar, ao lado do marido Everton Maciel e da mãe, de mais um desafio em setembro – Ruth na meia maratona, e a filha, em uma prova menor, respeitando o processo de recuperação.

Enquanto isso, do outro lado do mundo, Siham mantém o ritmo mesmo vivendo nas Filipinas. Formada em Relações Internacionais, ela arranja tempo entre um compromisso e outro para calçar o tênis e registrar os treinos, que compartilha com a mãe à distância.

"É muito bonito ver isso. Mesmo com dificuldades, elas seguem. Meu pai Whashington Vaz, com 85 anos, também correu 5 km com a gente. Todo mundo na família acaba participando de alguma forma. É uma forma de cuidar da saúde e de estarmos juntos", finaliza Ruth, com um sorriso que traduz o orgulho de ter passado não só um hobby, mas uma filosofia de vida.

Ruth e sua família.

A filha Suzen com seu pai Mohamad nos 5km do Rio de Janeiro

As filhas Siham e Sameher competindo no Rio de Janeiro

PERITA E ASSESSORA JURIDICA
CINTHYA LOPEZ SAPUNDLLIEFF.
PSICÓLOGA CRP 07/25939

Cinthya L Sapundllieff
CRP: 07/25939
Psicóloga e Perita Forense
Rua Manduca Rodrigues, nº 500, apto 303 (Edifício Monza)
(55) 98423-2644
@psicologaperitacinthya

Dia das Mães: A Beleza de Ser Desnecessária

Por Cinthya Sapundllieff – Psicóloga e perita forense

No imaginário coletivo, a figura materna muitas vezes é associada à perfeição. Espera-se da mãe uma paciência infinita, uma entrega total, uma sabedoria que tudo resolve. Mas será que essa idealização faz bem — para as mães e para os filhos?

Na prática clínica e na vivência humana, aprendemos que ser mãe não é ser perfeita. Ser mãe é ser humana. É errar, acertar, tentar de novo. É amar intensamente, mas também sentir cansaço, medo, culpa. A maternidade real não se sustenta sobre um pedestal, mas se constrói no chão firme do afeto e da presença possível.

Dentro da psicologia, especialmente na abordagem psicanalítica, há uma ideia profundamente libertadora: a missão da mãe é, aos poucos, tornar-se desnecessária. Isso não significa deixar de amar, mas sim permitir que o filho se torne quem ele é, com autonomia e identidade própria. Uma mãe suficientemente boa — como nos ensinou o pediatra e psicanalista Donald Winnicott — é aquela que acolhe, mas que também frustra, que protege, mas que também solta. Ela não anula o filho, nem se anula por ele.

Nesse Dia das Mães, que possamos celebrar as mães reais: aquelas que fazem o melhor que podem com os recursos que têm, que vivem o desafio diário de educar, amar e deixar ir. Que possamos acolher a imperfeição como parte do processo e entender que a verdadeira grandeza da maternidade está justamente nisso: em preparar alguém para o mundo, mesmo que isso signifique não ser mais necessária.

Porque amar de verdade é libertar.
Feliz Dia das Mães!

Texto escrito por:
Cinthya Sapundllieff
Psicóloga e Perita forense

Cinthya com a mãe Gladys Sapundllieff in memorian

O amor de mãe é o primeiro milagre da vida

Clinicão
O atendimento certo para o seu animalzinho de estimação.
Rivadávia Corrêa, nº 1093.
(55) 3242-3573
(55) 99961-2534
Veterinária Clinicão
@cpclinicao

"Ser mãe vai muito além do que dizem"

Ana Emília é mãe da Tunica e da Jojô Todinho, duas chihuahuas inseparáveis, e mostra que amor materno também late, pula e pede colo

Chamo-me Ana Emília e, desde criança, os animais sempre fizeram parte da minha vida. Cães, principalmente. Se você folhear meus álbuns antigos, vai me encontrar sempre rodeada por eles — literalmente. Eles sempre estiveram ali, fazendo parte da família, da rotina e dos momentos importantes.

Hoje, minhas grandes companheiras são duas chihuahuas: a Tunica e a Jojô Todinho. Onde eu estou, elas estão. Pedem colo, participam de tudo, demonstram carinho o tempo todo. Não é exagero dizer que são minhas filhas de quatro patas — e quem convive com animais sabe bem do que estou falando.

A comunicação entre nós é especial. Elas pedem tudo à maneira delas. Um exemplo: têm um macaquinho de pelúcia que adoram. Quando o brinquedo está fora de alcance, a Tunica vem até mim, dá pulinhos, me leva até o local e "pede" para eu pegar. É lindo ver como elas se expressam.

E a recepção? Toda vez que chego em casa, é como se eu tivesse voltado de uma longa viagem. Uma festa, uma alegria contagiante. A Tunica ainda é minha parceira de cavalgadas. Desde novinha anda a cavalo comigo, toda orgulhosa, de pezinho na frente da sela. Já me acompanha há quatro anos no desfile do 20 de setembro! A Jojô é mais sapeca, não para quieta — então, ela fica na torcida.

E ambas sabem exatamente quando estamos indo visitar a "vovó" (minha sogra). Mesmo sem enxergar a rua, ficam agitadíssimas ao chegar lá. Correm para a cozinha, porque sabem que vão ganhar um agrado!

Recentemente, perdemos a Ronda, nossa pitbull, uma companheira maravilhosa. A dor foi imensa. Ela era parte da família, como todos os nossos pets. Quem ama um animal entende: é um amor que não se mede.

Hoje, além das meninas, temos mais uma pitbull, a Russa, e um gato carinhoso chamado Tibúrcio — ou Tibu. Nossa casa é cheia de vida e de afeto. Eles têm acesso a todos os espaços — e também a todos os corações daqui.

Sou mãe de três filhos adultos. Quando falo das cadelinhas, digo: "são as irmãs de vocês!" Minha filha Paola é quem mais compartilha desse amor — e já sei que, se um dia eu faltar, ela vai cuidar das gurias com todo o carinho do mundo.

Não sou de colocar roupinhas neles, a não ser no inverno, mas cuido das vacinas, dos brinquedinhos, do que precisam. E se não posso levá-las a algum lugar... muitas vezes, prefiro nem ir. Porque ser mãe, mesmo de pet, também é isso: amar, proteger e colocar o bem-estar dos filhos — de quatro patas ou não — sempre em primeiro lugar.

Neste Dia das Mães, eu celebro o amor em sua forma mais pura e leal. Um amor que late, pula no colo, pede carinho e nunca, nunca abandona.

Ana Emília não descuida da saúde de suas filhas pets, levando-as, regularmente, à sua Clínica preferida, que é a Clinicão, para o acompanhamento de seu desenvolvimento.

Ana Emília e a filha Tunica no desfile do 20 de setembro

Ana Emília e o filhas pets

CIANO
SORVETE.CAFÉ.AÇAÍ
Um Brinde às Mães que Adoçam Nossos Dias!
Neste Dia das Mães, queremos homenagear quem é puro amor em cada gesto.Traga sua mãe para um momento especial na Ciano e celebre com o que há de melhor: café fresquinho, doces e salgados feitos com carinho e um ambiente cheio de aconchego.
Reserve sua mesa e torne o Dia das Mães ainda mais inesquecível!
•Torradas
•Waffles
•Baguetes abertas
•Tortas salgadas e doces
•Café italiano Segafredo
(55) 99667-2717 Av. Tamandaré, nº 2717 - Edifício Montreal

As filhas Maria Fernanda e Luiza Helena com a mãe Silvia Soares

As filhas Mylena e Larissa com a mãe Rosane Clavijo

Cinara com a filha Helena Leite

O amor de mãe não conhece limites, nem fim, ele é eterno e se renova a cada olhar, a cada gesto, a cada sorriso.

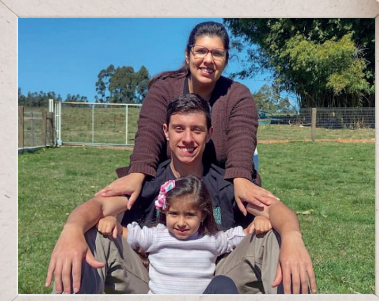
Lorena Harden com os filhos Luíza, Júlia e Samuel

Mãe Castorina dos Santos Martins com a filha Maria Helena quando estava na espera do Miguel

Mãe Elisabeth Barcellos com as filhas Fabiana, Cibele, Lisiane e Sabrina

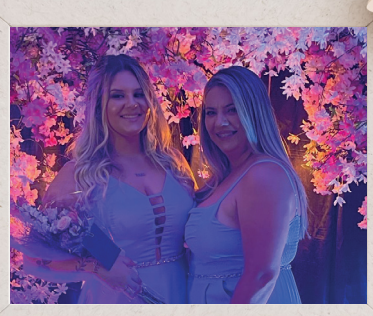
Mãe Laura com a filha Maria Clara Leite Ribeiro

Mãe Liliane e o filho Lucas Severo



Mãe Lisiane com os filhos João Vitor e Maria Vitória

Mãe Carine e filhos Bruno e Thomaz Ocaña



Mãe Vanessa Cerqueira com a filha Eduarda

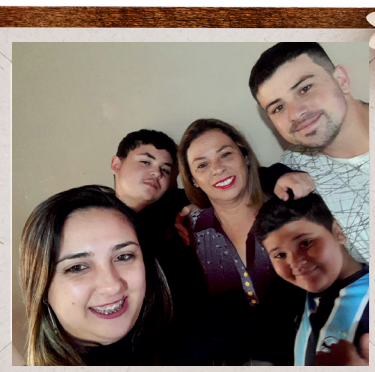
Mãe Ida Larruscain com as filhas Iane e Ana Luisa e a neta Luna Isabela

Mãe Mari Araújo com o filho Gabriel

Mãe Silvia com o filho Guilherme Nunes

Mãe Tamyres Souza e a pequena Maria Cecília Indarte

Mãe Pamela Velasque com o esposo Bruno, os filhos Davi Luis e Anthony e as filhas Bruna e Ana Julia



Mãe Patrícia Mendes com a filha Tatielly e os filhos Leonardo, Ygor e Bruno

Mãe Elaine Camacho com o filho Alvaro Indarte

O amor que escolhe

Gislaine do Amaral Furtado e a força da maternidade do coração

No coração de Gislaine Amaral pulsa um amor que não conhece limites biológicos. Mãe de três filhos – Pedro, de 24 anos, e as gêmeas Thais e Beatriz, de 10, ela vive intensamente os desafios e as alegrias da maternidade, construída com escolhas corajosas e afeto incondicional.

Pedro chegou em sua vida com apenas 10 dias de idade. Foi ali que ela começou, como ela mesma diz, "sem saber nada", a aprender na prática o que é ser mãe. As gêmeas vieram anos depois, já com um ano e meio, em um processo de adoção marcado por persistência e amor. "Eu falei para a moça que cuidava delas na Casa de Acolhimento: 'Eu volto para buscá-las'. E fui. Porque era pra ser", recorda Gislaine.

Após a separação, Gislaine criou os três sozinha. O apoio veio da irmã e das sobrinhas, mas o dia a dia foi desafiador. "Eu trabalhava, cuidava deles sozinha e não sei como consegui passar por tudo", desabafa. Perdeu a mãe no meio do caminho, o que tornou tudo ainda mais difícil. "Ela era meu esteio. Fiquei sem chão, mas a gente tem uma força que nem sabe que tem", afirma com emoção.

Hoje, Pedro mora em Santa Maria, cursando Filosofia na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), e as meninas não desgrudam da mãe. "Elas estão sempre perto, uma senta do lado, a outra grita do outro. É uma ligação impressionante", conta com carinho. Para ela, o amor de mãe do coração é o mesmo: "É um destino. O filho chega em ti. Porque é pra ti."

No Dia das Mães, Gislaine celebra com lágrimas e aconchego. "É um dia feito pra mim e pra eles. Um dia iluminado". E deixa uma mensagem poderosa para todas as mães solo: "Nunca desistam. A gente é mais forte do que imagina. O amor deles é o que nos sustenta."

Os irmãos, Beatriz, Pedro e Thaís

Ser mãe é carregar o coração fora do corpo para sempre

Mais do que uma história de adoção, a trajetória de Gislaine Amaral é um retrato do que significa ser mãe: estar presente, amar sem medida e resistir com coragem, mesmo nos dias mais difíceis. Uma mãe que escolheu, insistiu, cuidou e, acima de tudo, amou todos os dias, em todos os momentos.

Quando o Amor Chega Antes do Tempo

A Jornada da Mãe Eduarda na UTI Neonatal

"Eu nunca imaginei que minha jornada como mãe começaria assim: tão cedo, tão intensa e, ao mesmo tempo, tão transformadora. Com 32 semanas de gestação, minha filha Alice resolveu vir ao mundo — antes do tempo, sem aviso, sem manual, sem nenhuma das certezas que eu imaginava ter quando me tornasse mãe.

O parto foi um misto de medo, esperança e incertezas. Lembro-me do primeiro chorinho ecoando na sala de cirurgia, acompanhado da corrida dos médicos, dos tubos, da incubadora... Minha filha foi levada direto para a UTI neonatal.

Ser mãe de um bebê prematuro é aprender a viver um dia de cada vez. Nos primeiros dias, eu me sentia perdida entre as máquinas, alarmes, profissionais de jaleco e palavras difíceis. Mas foi ali que meu amor materno começou a se revelar de forma avassaladora. Cada vez que eu conseguia tocar sua pele pela janelinha da incubadora, cada vez que ela reagia à minha voz, eu sentia um amor que não cabia mais em mim.

Houve dias difíceis. Ver aquele serzinho tão pequeno, cheio de fios, lutando para se manter estável, era um sofrimento que nenhuma mãe deveria enfrentar. Eu me sentia impotente, frágil, com medo do futuro. Aos poucos, fui descobrindo uma força que eu não sabia que existia dentro de mim. Porque, por ela, eu seria — e sempre serei — capaz de qualquer coisa.

E, junto com a força, veio a fé. Eu, que nunca fui tão próxima de Deus, comecei a conversar com Ele todos os dias. Pedia proteção, vida, saúde. E cada melhora da minha filha era como uma resposta: um ganho de peso, o aumento na quantidade de leite que ela tomava, a primeira vez que respirou sozinha... Eram pequenas vitórias que, para nós, eram milagres. Comecei a agradecer mais do que pedir. Aprendi a confiar.

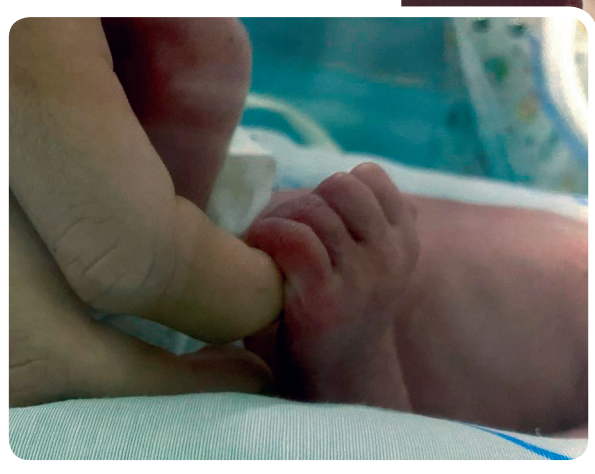
A primeira vez que ela abriu os olhos e me olhou foi como se o tempo parasse. Eu não sabia que um olhar tão pequeno podia carregar tanta força. Eu não sabia que o amor podia ser tão imenso, mesmo antes de pegá-la no colo de verdade. E, quando finalmente me deixaram fazer o primeiro canguru — 17 dias depois —, eu soube que ali, naquele instante, eu estava completa. O mundo podia estar desabando lá fora, mas eu tinha tudo que precisava.

Ainda estamos em processo. Ainda não a tenho em casa. Mas hoje eu tenho fé, tenho esperança e, principalmente, tenho amor. Um amor que não depende do tempo, da saúde ou das condições ideais. Um amor que nasceu prematuro, mas que é imenso, forte e incondicional.

Ser mãe de UTI é aprender que o tempo de Deus não é o nosso. É celebrar os mililitros, os miligramas, os segundos de respiração. E é saber que, por mais que esse começo tenha sido diferente do que eu sonhei, ele foi exatamente o que eu precisava para entender o verdadeiro significado de ser mãe".

Texto escrito por:
Eduarda Vieira

A mamãe Eduarda Vieira quando a Alice ainda estava no forninho



O amor de uma mãe é a oração que sempre chega antes das palavras

A Maison Chacra La Posta teve suas dependências completamente lotadas para mais um exitoso evento da Casa da Amizade.

Um desfile da Cor e Magia, com lançamento da coleção Outono/Inverno, foi um show a parte: histórico da criação da butique (conduzido pela professora Mara Dias), seguido pela apresentação de uma moda casual para todas as ocasiões, por manequins de nossa sociedade, muito elogiada e aplaudida.

Se ressalta os impecáveis serviços apresentados, em todos os aspectos, pelo Chef Jorge La Posta.

Parabéns para a Casa da Amizade pela condução dessa reunião beneficente, uma verdadeira tarde de "cor e magia", para apoiar o Centro Comunitário Maria Abegahir. Confira os registros do evento pelos cliques do fotógrafo João Kelbauskas.

Abertura do evento

Entrega de brindes

Senhoras da Casa da Amizade

Entrega de mimo à Ana Paula e Ana Claudia

Momentos do desfile

Modelos exibindo a moda outono-inverno da Boutique Cor e Magia

Eurico e Zara Brandão liderando mesa da Casa da Amizade

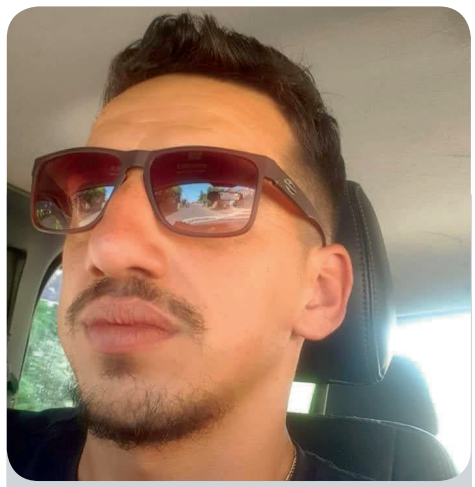
Encerramento do desfile

Senhoras que prestigiaram o evento

Mara Dias entregando rosas a Ana Fátima Beltrame

Aniversariantes da semana

O Jornal A Plateia homenageia os aniversariantes da semana. Que todos os dias de suas vidas sejam preenchidos com muita paz, amor, boas amizades e infinitas bênçãos. Parabéns!

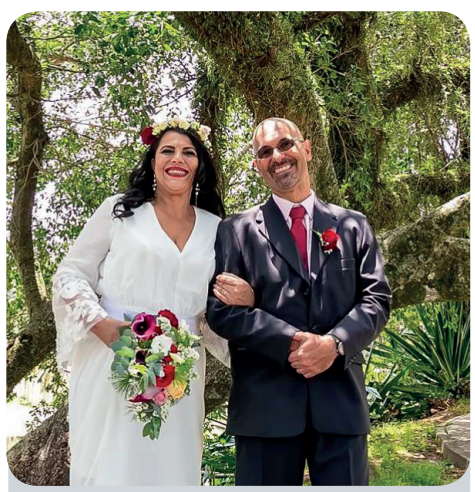


10 de maio - Colaborador do Grupo A Plateia Carlos Lencina

11 de maio - Advogada Juliana Borges Ravanello

11 de maio - Gerente administrativo da Unimed Região da Fronteira Marcelo Canabarro

12 de maio - Empresária Michelle Badra



13 de maio - Delegado de Polícia Eduardo Finn

14 de maio - Promotor de Justiça Marcelo de Souza Gonzaga

15 de maio - Advogada Macarena Bouchacourt

15 de maio - Diretor do Badesul Kalil Sehbe Neto

15 de maio - Estudante Eduardo Badra Guerra

16 de maio - Engenheiro Ronaldo Custódio

Lions Clube convida para mais um Almoço Bingo!